

Sindicalistas dizem que proposta é "desastrosa"

AGÊNCIA ESTADO

A proposta de uma trégua de cerca de 90 dias sem aumentos de preços nem de salários, levantada ontem na reunião do ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, com representantes da Central Geral dos Trabalhadores (CGT), da União Sindical Independente (USI) e do setor empresarial, em Brasília, foi considerada totalmente inaceitável pelo presidente da Federação dos Metalúrgicos de São Paulo, Argeu Egídio dos Santos.

Segundo ele, "o governo que não tem coragem de cumprir seu próprio decreto (isto é, fazer disparar o gatilho de reajuste salarial), não tem moral para propor tréguas". Nem mesmo a condição de permitir que o gatilho dispare para quem ganha até quatro salários mínimos se justifica, para o sindicalista. "Até porque o próprio salário mínimo é irreal", disse. Argeu dos Santos acredita que essa proposta só beneficia o governo e os empresários e que "nenhum sindicalista de bom senso aceitará uma sugestão dessas".

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antônio Medeiros, também ficou contra a proposta, porque "ela divide os trabalhadores". Segundo ele, o reajuste é necessário para todos os trabalhadores.

Para Medeiros, o governo não dispõe de credibilidade que o credencie a propor semelhante trégua: "Nosso salário seria congelado abaixo da média enquanto os preços permaneceriam fora de controle". Destacando que falava em nome próprio, Medeiros observou que qualquer decisão desse porte deve ser bem discutida com as bases, antes de ser definitiva.

CUT

A direção executiva da Central Única dos Trabalhadores reúne-se extraordinariamente hoje e amanhã em São Paulo para delinear os

planos de mobilização da entidade e analisar as propostas de tréguas acenadas pelo governo. O presidente nacional da CUT, Jair Nenequelli, preferiu deixar para depois da reunião, com a executiva, os comentários sobre a possibilidade de o gatilho ser disparado somente para quem ganha até quatro salários mínimos, conforme proposta apresentada na tarde de ontem em Brasília. Pela manhã, Nenequelli reafirmou em São Bernardo do Campo que a CUT não aceita pactuar por nada a classe trabalhadora não tem nada a oferecer.

SEM MORAL

"Desastrosa e medonha", reagiu o presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas de São Paulo, Domingos Galante, para quem o governo não é capaz de cumprir nem mesmo o que promete, caso de "gatilho", criado por ele mesmo quando decretou o Plano Cruzado. "Falta confiabilidade. O governo não tem moral para falar com o movimento sindical", ressaltou.

Para Angelo Botaro, diretor da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Urbanas do Estado de São Paulo, o gatilho tem de funcionar para todas as faixas salariais, pois o custo de vida sobe para todo mundo.

DESIGUALDADE

"Esse é um pacto dos grandes contra os pequenos, o que contraria a realidade das economias mais desenvolvidas, que colocam sob a responsabilidade das pequenas e médias empresas as condições para um crescimento ordenado." Esta foi a reação do empresário Cláudio Rubens Pereira, presidente da Anapemei (Associação Nacional de Pequenas e Médias Empresas Industriais), com sede em Santo André, no ABC paulista, à possibilidade de o gatilho salarial ser acionado apenas para os trabalhadores que ganham até quatro salários mínimos.